

CAPÍTULO 1

RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR: LEITURA, MEDIAÇÃO E HISTÓRIAS INFANTIS NAS SÉRIES INICIAIS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.801142509051>

Data de aceite: 19/05/2025

Elys Kariny da Silva Alencar

Especialista em Currículo, Cultura e Diversidade e Licenciada em Letras Português e Espanhol e pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Possui Graduação em Pedagogia, pelo Centro Universitário Internacional – Uninter

<http://lattes.cnpq.br/7485833146840126>

Paulo Henrique Pressotto

É doutor em Letras, na área de Estudos de Literatura e especialidade em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Possui graduação em Letras - Português/ Francês/ Espanhol pela Universidade Estadual Paulista- Júlio de Mesquita Filho - Unesp, e também Mestrado em Letras - Unesp. Professor Associado da

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados, atua na graduação em Letras e Pós-graduação - Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Atualmente exerce cargo de confiança como Coordenador do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS- UEMS/Dourados. É membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Interinstitucional:

Crítica feminista e autoria feminina: cultura, memória e identidade - CNPq, da UFGD. É membro do grupo Estudos em

Literaturas Latino-americanas - CNPq, da UEMS.

<http://lattes.cnpq.br/4765299826644354>

INTRODUÇÃO

[...] Ensine para sua filha que ela não deve se desculpar por ser quem é. Insista para que ela se defenda, fale por si mesma, e deixe claro que ela tem o direito de ocupar espaço no mundo. (Adichie, Chimamanda Ngozi, 2019)

Desde o momento em que o (a) discente se torna docente, dando os primeiros passos para se tornar professor (a), é inevitável entrar em contato com alguns incômodos presentes e inerentes ao nosso sistema educacional; desses tantos, os que estão relacionados à questão de gênero, pessoalmente, foram o que motivaram a pesquisa desta temática. Após presencermos - durante anos na sala de aula e fora dela - algumas falas, brincadeiras, reproduções estereotipadas de discursos sobre o que se espera do gênero feminino e do gênero masculino

desde a primeira infância, vários questionamentos e críticas surgiram em relação ao papel das instituições, bem como, da sociedade na promoção de uma educação mais igualitária e libertadora.

O presente artigo tem como proposta ampliar o debate sobre as questões de gênero na primeira infância, por meio da mediação dos professores e professoras que tem um papel social na vida dos (as) estudantes e possuem a responsabilidade de trazer para dentro e, consequentemente, para fora da sala de aula, práticas inovadoras e estratégias para lidar com o tema e enfraquecer o ciclo do machismo na sociedade.

Contribuir para a quebra do ciclo do machismo é um papel de todos, pois ele prejudica não só as mulheres, mas também os homens, trazendo inúmeros malefícios. Ele faz com que a sociedade em geral, por meio de preconceitos, impossibilite os homens de se humanizarem e serem eles mesmos. Para as mulheres, o machismo traz apenas malefícios, ocasionando violências e morte, pois, conforme os dados propagados constantemente na mídia mais séria, o Brasil é um dos países a liderarem o ranking de feminicídio no mundo.

A primeira sessão deste trabalho visa abordar a importância do papel dos professores e professoras na sociedade como mediadores e mediadoras da leitura, aqueles e aquelas que vão ao encontro do respeito pela singularidade de cada um, que observam e trazem para dentro dos conceitos e práticas pedagógicas o que cada aluno e aluna já carregam sobre a leitura de mundo particular que possuem. Posto isso, entendemos que cabe aos professores e professoras mediador fazerem adaptações necessárias para relacionarem os conhecimentos das realidades das criança ao contexto literário, ajudando cada indivíduo a criar suas próprias estratégias para lidar com temas diversos que surgirão ao longo da vida. Para que sejam capazes de ter mais autonomia, posicionamento político e crítico, não apenas opiniões enviesadas seguindo o senso comum. Com base nas reflexões do livro de Paulo Freire “*A importância do Ato de Ler*” (1982), buscamos focar no papel do professor e da professora como mediadores da aprendizagem e da leitura.

A segunda parte deste artigo apresenta a continuidade de como o professor/mediador e professora/mediadora podem ajudar a romper o ciclo do machismo na sociedade, abordando questões trabalhadas no livro de Daniela Auad, *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola* (2006), que apontam para o cerne de uma discussão que problematiza os seguintes pontos: por que a escola pode ser o ambiente que mais reproduz o discurso machista, provindo de visões estereotipadas do convívio social e familiar dos alunos; como o professor pode desenvolver práticas metodológicas de ensino mais libertário e progressista.

Por fim, o presente artigo tem como objetivo trazer algumas estratégias possíveis para que o professor trate desse tema tão sensível e ainda tão polemizado, para que neste presente e no futuro questões de gênero sejam vistas de forma mais naturalizada por todos e todas, buscando alcançar a sociedade mais justa e igualitária que almejamos, por meio de práticas educativas e ações mais conscientes.

A LEITURA LITERÁRIA INFANTIL NA SALA DE AULA

Como professores da educação infantil e das séries iniciais, é possível perceber o quanto a leitura transforma, encanta, modifica e aproxima os alunos de um mundo amplo e expansivo; amplo porque amplia discussões, debates, visões de mundo, criatividade, subjetividade, engloba um universo de possibilidades, de percepções do que é real e do que é fantasia. Os alunos e alunas por si só ampliam sua capacidade particular de escolher com quais lentes irão ver o mundo, por meio de uma infinidade de metáforas e imaginações, ou se preferirão enxergá-lo apenas com olhos da realidade.

Ler ajuda os indivíduos no sentido de expandir horizontes e ampliar repertórios, a leitura possibilita aos leitores e leitoras vastas perspectivas, pois ela apresenta mundos diferentes que por vezes não conhecemos, faz com que sejamos capazes de enxergar o que já está posto com outros olhos. Por intermédio da leitura, nos tornamos capazes de pensar sobre determinados assuntos e dar outro sentido a eles, também pensar criticamente a respeito, se ver e tornar-se quem se é, enxergar-se como sujeitos capazes de refletir sobre o que lê e sobre o que pensa. O olhar do (a) indivíduo (a) estará voltado a enxergar um mundo vasto de possibilidades, de segundas e terceiras opiniões ou mais, que abrirão caminhos para que cada aluno e aluna escolha por onde e de que forma atravessar, pois as escolhas são sempre subjetivas e individuais. (Nunes, 2019)

Para Freire (1982, p. 9), [...] “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo”. Diante disso, entendemos que é necessário levar em consideração que cada ser é único e traz consigo uma bagagem. Nesse livro, *A importância do ato de ler*, o autor destaca a relevância de respeitar a individualidade e subjetividade dos alunos em relação ao mundo, tratando-o como sujeito único e observador; o professor e a professora deve estimular os (as) aprendizes a serem autônomos (as) e estabelecerem sempre uma linearidade na relação entre ambos; uma relação em que aprendem e constroem conhecimentos juntos. Dar voz aos alunos e alunas e permitir que eles (as) leiam e construam seus próprios conceitos a partir da leitura, é inicialmente um movimento libertário que promove um papel social de torná-los sujeitos livres, tirando suas próprias conclusões e pensamentos.

Freire destaca então que:

[...] a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo. E aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.” (Freire, 1982, p. 9)

Seguindo as palavras do autor, entendemos que o professor e a professora têm um papel fundamental na constituição da visão de mundo que seus alunos e alunas irão adquirir ao longo de sua jornada escolar. Mesmo tendo em vista a compreensão de que

essa construção crítica é individual e subjetiva, a forma como uma leitura é mediada faz toda a diferença, pois a linguagem carrega a forma como cada pessoa enxerga o mundo. Desse modo, ler significa também ir para além de uma simples leitura, ou melhor, é poder interpretá-la, ser crítico (a) em relação a ela.

Para Freire (1982), a leitura é mais que interpretação de textos; é um ato de compreensão do mundo e de si mesmo. Por meio da leitura crítica, o indivíduo não apenas absorve conhecimento, mas também questiona, analisa e reconstrói suas próprias ideias e conceitos. Essa capacidade de leitura crítica é fundamental para o exercício da cidadania plena, pois permite que as pessoas participem de maneira informada e reflexiva na sociedade.

A escolha dos livros literários apresentados aos alunos e alunas na fase da primeira infância¹ é fundamental para a aquisição de conhecimentos que os (as) estudantes levarão para a vida junto com seus conhecimentos prévios sobre determinados assuntos. O professor poderá contribuir de forma positiva a depender de sua abordagem para a vida daquele indivíduo a curto e a longo prazo, tanto no papel de estudante como também de cidadão e cidadã e ser pensante num breve futuro.

MEDIAÇÃO

Para iniciar este subitem que tratará da mediação, citamos uma passagem de autoria de Freire: “[...] Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a leitura do mundo. Com ela a leitura da palavra foi a leitura da “palavra mundo”. (Freire, 1982, p. 21)

No trecho acima, que está no livro *A importância do ato de ler*, é possível ir ao encontro da maneira a qual pensamos sobre o papel do (a) professor (a) mediador (a) da leitura na primeira infância. No relato de Freire, vemos que o estudioso teve uma educação básica em que sua professora foi a mediadora e continuadora da educação que ele já havia iniciado em casa com a ajuda de seus pais, portanto, entendemos com esse relato o quanto é importante e crucial que o professor e a professora validem o conhecimento de mundo que o (a) estudante já possui e o insira dentro dos conceitos pedagógicos no processo de aprendizagem. Desta forma, o aluno e a aluna conseguirão aderir significado à suas aquisições da aprendizagem, sem romper com seus conhecimentos e visões de mundo, tornando o processo educacional muito mais significativo e eficaz.

O professor e a professora, como mediadores do conhecimento, precisam principalmente ser educadores (as) que incluem todas as ideias sobre as quais possam fazer reflexões, que se comuniquem de maneira horizontal com seus alunos e alunas, validando suas interpretações, as histórias que carregam, o ambiente onde estão inseridos,

1. A primeira infância é o período que abrange desde o nascimento até os seis anos de idade. Durante essa fase, o cérebro da criança passa por um crescimento e maturação acelerados, estabelecendo as bases para o aprendizado, o comportamento e a saúde ao longo da vida.

trazendo a leitura e adaptando, para dentro da realidade de cada um, os processos de aprendizagem.

Paulo Freire enfatiza o papel do professor e da professora como mediadores que ajudam o aluno e a aluna a desenvolverem uma leitura crítica e consciente do mundo. O teórico afirma que “[...] o educador já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa”. (Freire, 1982, p. 25).

Para o autor, antes de o sujeito se tornar um leitor da palavra e interpretá-la, decodificando-a alfabeticamente, ele já tem uma leitura de mundo pré-definida, mas que ao longo da vida vai se “amolegando². O sujeito já está inserido em um mundo e o lê, de forma subjetiva e quase que impenetrável; esse primeiro mundo do sujeito trata-se do ambiente onde está inserido: a sua casa. Como vemos no trecho a seguir:

[...] Há pouco tempo, com profunda emoção, visitei a casa onde nasci. Pisei o mesmo chão, em que me pus de pé, andei, corri, falei e aprendi a ler. O mesmo do primeiro mundo em que se deu a minha compreensão pela “leitura” que ele fui fazendo (Freire, 1982, p. 11)

O ato de ler, na forma técnica e funcional, segundo Freire, não constitui sentido nem significado para o indivíduo, pois como já mencionado acima, todo ser carrega consigo o primeiro mundo, cabe a nós professores e professoras exercermos o nosso papel de mediadores e mediadoras e mediarmos a leitura, direcionar o significado dela para que o aluno e a aluna possam interpretá-la de acordo com a sua visão de mundo, sendo possível de modificação do pensamento, uma construção significativa.

Assim, ainda na esteira de Freire, o ato de ler é uma ferramenta de transformação social, o autor defendia que a educação libertadora passa necessariamente pelo desenvolvimento da capacidade crítica dos educandos e educandas, permitindo-lhes não apenas entender a realidade em que estão inseridos (as), mas também transformá-laativamente. A leitura, nesse contexto, é uma ferramenta essencial para a conscientização política e social, capacitando as pessoas a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades.

A leitura, além de ser uma fonte de prazer e conhecimento, é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento integral do indivíduo. No entanto, para que a leitura se torne uma experiência significativa e transformadora, a mediação do (a) professor (a) é fundamental. O professor e a professora, como mediador e mediadora, desempenham um papel crucial ao despertar o interesse pela leitura, ampliar o repertório dos alunos e alunas, desenvolver habilidades leitoras, conectar a leitura com a vida e fomentar a reflexão crítica. Por meio, da seleção de textos adequados, da criação de um ambiente propício à leitura, da promoção de atividades diversificadas, do estabelecimento de diálogos e da modelagem

2. Amolecendo, amolgando. Fazer com que se torne mole; amolentar.

da leitura, o professor guia os alunos em uma jornada de descoberta e aprendizado. (Tébar, 2023)

É importante ressaltar que a mediação da leitura é um processo contínuo e que exige do professor e da professora um constante aprimoramento e atualização, além de um profundo conhecimento dos alunos e alunas e de suas necessidades. Por esse motivo, é importante que escolas promovam formações continuadas sobre diferentes temas da contemporaneidade, temas que abordem o racismo, a igualdade de gênero³ e o machismo⁴, o etarismo⁵, a misoginia⁶, a xenofobia, sempre em busca de atualizar o corpo docente e melhor prepará-lo para lidar com os desafios diários da sala se aula.

Ao investir na formação de leitores, os professores contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e informada. Além disso, vale enfatizar a importância da leitura em voz alta pelo professor, sendo uma prática fundamental na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É um momento mágico em que as palavras ganham vida, transportando as crianças para mundos fantásticos e estimulando a imaginação. (Passadori, 2016)

Ao ouvir histórias contadas com entusiasmo e entonação, as crianças desenvolvem um gosto pela leitura e associam os livros a momentos agradáveis. A exposição a uma variedade de palavras e expressões enriquece o vocabulário e prepara as crianças para a escrita. Além disso, a leitura em voz alta ajuda a desenvolver a compreensão, a concentração e a atenção, preparando o terreno para a alfabetização. Sendo assim, a leitura em voz alta vai muito além de transmitir informações, ela fortalece o vínculo entre professor e alunos, criando um ambiente de confiança e acolhimento. O intuito de uma leitura dinâmica deve ser o de promover através da ludicidade o pensamento crítico nas crianças, a capacidade de estabelecer empatia, desde a primeira infância. Ao se conectar com as histórias, as crianças aprendem a se colocar no lugar do outro, desenvolvem a empatia e a capacidade de lidar com diferentes perspectivas. (Tozzo, 2022).

MACHISMO E A LITERATURA INFANTIL

A presença do machismo é percebida e posta em muitas esferas sociais, inclusive na educação infantil. Como professores das séries iniciais, ao observar falas, brincadeiras, conceitos em que as crianças carregam, vindos da convivência e criação familiar, são em sua grande maioria machista, e isto é inegável; porém, como professores mediadores e responsáveis pela quebra desse ciclo machista e misógino, precisamos levantar essa bandeira, a fim de transferir e construir conhecimentos emancipatórios, bem como

3. Igualdade de gênero significa que homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres em uma sociedade. É a garantia de que as pessoas não serão discriminadas devido ao seu gênero.

4. O machismo é um sistema de crenças que promove a suposta superioridade masculina e tenta justificar a desigualdade de poder entre os gêneros, perpetuando a subordinação das mulheres por meio de normas culturais e sociais enraizadas nas instituições e estruturas sociais.

5. Misoginia é uma palavra que tem por definição o ódio às mulheres.

libertadores aos alunos e alunas, pois o machismo é prejudicial tanto para meninas, quanto para meninos, mulheres e homens do futuro.

Na obra de Daniela Auad, *Educar meninas e meninos relações de gênero na escola*, temos o seguinte excerto:

[...] as relações de gênero, do modo como estão organizadas em nossa sociedade, são uma máquina de produzir desigualdades. As visões naturalistas sobre mulheres, meninas, homens e meninos apresentam travas para a superação dessa situação. Quando começamos a considerar as relações de gênero como características construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. (Auad, 2006, p. 19)

A autora nos traz informações sobre questões de gênero, as quais estão postas na sociedade; o fato de meninas serem ensinadas desde muito cedo a servirem, não é uma visão natural que elas têm, mas sim uma construção provinda de uma sociedade machista e patriarcal. O papel da escola para essa problemática é o de quebrar essa crença, trazer as meninas e as mulheres para o protagonismo da cena, apresentando e abordando esse conteúdo nas histórias infantis e nas brincadeiras, nos esportes e nos filmes.

Como mencionado acima, entendemos que os estereótipos são criados por uma sociedade que tem dificuldade em lidar com o novo e tenta esmagadoramente colocar meninos e meninas dentro de caixinhas; o machismo presente em nossa realidade, desde muito cedo, prejudica todos os lados, meninas e meninos são os maiores prejudicados na infância. Auad afirma que:

[...] nessa divisão, as meninas e mulheres são as obedientes, cuidadoras, que trabalham duro e asseguram a ordem, sem jamais subvertê-la. Não é preciso pensar muito para saber que tal expectativa em relação às mulheres e meninas pode causar um tédio atroz, além de ser irreal, pois muitas mulheres não a seguem. Outras as seguem e, não raro, são infelizes por jamais saberem, por exemplo, quais são suas próprias necessidades e seus desejos (Auad, 2006, p. 35).

Essas premissas de separações dos papéis de cada gênero na sociedade tornam a existência de ambos por vezes muito cansativa, além de ser excludente com a diversidade de gêneros outros que possam existir; além disso, existem muitos meninos e meninas que fogem à regra, e estes continuam sendo menina e continuam sendo meninos.

As falas e conceitos machistas das pessoas em geral servem para designar meninos com um determinado comportamento rebelde já esperado, meninas devem ser cuidadosas, devem servir e, a cada dia que passa, as gerações mostram que esses conceitos já estão ultrapassados e precisam ser ressignificados.

Por muito tempo, os livros de literatura infantil e os contos de fada sempre apresentavam a mulher em um papel de passividade em relação ao seu destino, não estava como protagonista de suas escolhas e não era responsável por sua felicidade. Esse papel

sempre estava determinado a algo, a alguém, de preferência um princípio que pudesse salvá-la.

É recente a mudança que vemos através de livros da literatura infantil e de filmes relacionados ao papel da mulher na sociedade. Nos últimos dez anos, podemos encontrar um acervo sobre o assunto e essa mudança de visão da sociedade, porém, muitos estereótipos ainda precisam ser quebrados, muitos valores tradicionalistas, religiosos e preconceituosos vêm de uma convivência e crença familiar e estrutura da sociedade. Cabe aos professores e professoras como mediadores e mediadoras, que tem interesse pelo tema e exercem um papel social de inserir uma educação mais expansiva e igualitária, buscar obras literárias para abordar esse tema sensível.

Na perspectiva de ressignificar, é possível trocar alguns conceitos por outros sutilemente no dia a dia escolar, como por exemplo: em determinada situação em que um menino se interesse por pegar uma boneca da amiga para brincar e algum amigo der risada da situação, o professor ou professora pode interferir dizendo que o amigo está brincando de papai, que cuidar também é papel do homem. Quando uma menina se interessa por brincar de carrinho, pode-se incentivá-la dizendo que ela pode ser uma grande motorista de fórmula 1, quando ela brinca de futebol, ela pode ser uma atleta, uma jogadora famosa assim como a Marta da seleção.

Para Auad, a escola é um ambiente onde mais podemos observar e perceber como as relações de gênero são construídas diante das interações do cotidiano, e como as expectativas sociais em relação às meninas e aos meninos influenciam suas experiências educacionais e suas atitudes, também em suas expectativas de vida. Auad (2006, p. 15) diz que “[...] A escola pode ser o lugar no qual se dá o discriminatório `aprendizado da separação` ou, em contrapartida, como pode ser uma importante instância de emancipação e mudança”.

Cada educador e educadora define os meios pelos quais conseguirá trazer para dentro da realidade de seus alunos e alunas uma educação que seja capaz de ir na contramão do tradicionalismo e buscar práticas inovadoras para combater o machismo estrutural, haja vista que a escolha de livros que tragam as meninas como protagonistas é uma porta de entrada para estabelecer uma ponte entre respeito e diferenças, e o que é diferente não precisa ser sinônimo de desigualdade.

A partir dos pontos de vista mencionados acima, cabe trazer como sugestão de livros da literatura infantil que validam e empoderam o feminino, tais como *Coisa de Menina*, da autora Pri Ferrari, 2016. Nesse livro, as meninas são protagonistas de suas próprias histórias, mostrando que elas podem escolher a profissão que quiserem. “[...] Meninas gostam de voar. Elas pilotam aviões, dragões e até unicórnios.” (Ferrari, 2016, p.6).

Por meio do lúdico, a autora brinca com o imaginário das crianças, já inserindo-as dentro de uma realidade menos machista e mais igualitária, faz com que as meninas consigam se ver e projetam-se para o futuro, pelas lentes de alguém que não fica em uma

posição de espera, mas sim que se apropria de seu próprio desejo e capacidade. Sem perder de vista que este trabalho de conscientização e leitura crítica deve ser implementado desde a primeira infância, assim ao longo da vida, será um assunto naturalizado e possível dentro da realidade de meninas e mulheres.

DIVERSIDADE DE GÊNERO E MULTICULTURALISMO NAS HISTÓRIAS INFANTIS

A literatura infantil, por muito tempo, moldou a visão de mundo das crianças através de narrativas que reforçavam estereótipos de gênero. Princesas esperando por seus príncipes e heróis masculinos salvando o dia eram as figuras mais comuns. No entanto, a sociedade está em constante transformação, e as demandas por mais representatividade e inclusão também se fazem presentes no universo infantil. (Aguiar, 2022)

A diversidade de gênero, que engloba uma ampla gama de identidades que vão além do binário masculino e feminino, merece ser representada nas histórias infantis. Essa representação é fundamental para que todas as crianças se sintam vistas, valorizadas e incluídas. Ao se depararem com personagens que não se encaixam nos padrões tradicionais de gênero, as crianças desenvolvem a empatia, o respeito pelas diferenças e a capacidade de questionar os estereótipos.

A literatura infantil, por muito tempo, refletiu as sociedades dominantes, com narrativas que reforçavam estereótipos e invisibilizaram a rica diversidade cultural existente. No entanto, a crescente valorização da multiculturalidade e a busca por uma sociedade mais justa e inclusiva têm impulsionado uma nova abordagem para a literatura infantil, que agora abraça o multiculturalismo como um elemento fundamental. A literatura infantil multicultural é aquela que representa a diversidade cultural de forma rica e autêntica, valorizando as diferentes etnias, raças, religiões, costumes e visões de mundo. Ela vai além da mera inclusão de personagens de diferentes origens, buscando apresentar as culturas de forma respeitosa e complexa, sem estereótipos. Essa abordagem é essencial para que todas as crianças se sintam representadas e valorizadas, independentemente de sua origem. (Roig Rechou, 2012)

Ao trabalhar a literatura infantil multicultural em sala de aula, é fundamental selecionar livros que representem a diversidade cultural de forma rica e autêntica. Além disso, é importante promover discussões em grupo, realizar atividades práticas que permitam às crianças explorarem diferentes culturas e organizar visitas a museus e centros culturais.

A literatura infantil multicultural é um elemento fundamental na formação de crianças mais justas, empáticas e preparadas para viver em um mundo cada vez mais diversos e globalizado. Ao investir na literatura infantil multicultural, estamos investindo no futuro de nossas crianças e da sociedade como um todo. (Seabra, 2007)

ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA PARA UMA EDUCAÇÃO MENOS MACHISTA

Ao acompanhar diferentes histórias infantis, que tenham em seu cerne o protagonismo feminino, o empoderamento, focando as diferentes classes sociais, bem como questões raciais e de gênero, as crianças desenvolvem a capacidade de pensar por outras perspectivas, aprendem desde a educação básica que é possível criarem um país mais justo e desenvolverem suas próprias estratégias para resolução de problemas tão recorrentes no dia a dia.

Os livros proporcionam a oportunidade de explorar e compreender suas próprias emoções e as dos outros, além de ajudar a entender as relações sociais, a empatia e a cooperação. A leitura também estimula a imaginação, permitindo que as crianças criem seus próprios mundos e histórias.

O professores e as professoras desempenham um papel fundamental nesse processo. Ele deve ser um modelo para as crianças, demonstrando entusiasmo pela leitura e escolhendo livros adequados à idade e aos interesses dos pequenos. Além disso, os (as) docentes devem planejar atividades diversificadas que envolvam a leitura de diferentes formas, como contação de histórias, dramatizações, jogos e brincadeiras.

Os (as) professores(as) são mediadores (as) entre os (as) alunos (as) e o mundo da leitura. Ao escolher livros adequados à idade e aos interesses dos (as) estudantes, devem criar atividades que estimulem a leitura e promover a discussão sobre os textos; os professores e professoras podem despertar o prazer pela leitura.

Uma biblioteca escolar bem equipada e organizada, com um acervo diversificado e atualizado, é fundamental para estimular a leitura e o desenvolvimento do hábito de frequentar bibliotecas. Projetos de leitura que envolvam toda a escola, como a Hora do Conto, a Feira do Livro e os Clubes de Leitura, podem tornar a leitura uma experiência mais prazerosa e social. (Moro, 2012).

Além das estratégias utilizadas pelo (a) professor (a) como mediador (a) e incentivador(a) da leitura, em sala de aula ele (a) tem a responsabilidade de escolher livros que tragam personagens diversos, tratando de gênero, buscando histórias que visam valorizar mulheres e homens, acolhendo suas diferenças. Cabe a ele (a) também investir na leitura desse tema tão importante, trazendo-o para fora da sala de aula e tratá-lo como um trabalho extraclasse.

Para a construção de uma sociedade menos machista e mais igualitária e respeitosa, faz- se necessário o envolvimento de todos, equipe pedagógica, família e políticas públicas para que o assunto seja debatido, buscando o esclarecimento e a quebra de pré-conceitos.

É importante que a escola desenvolva projetos que incluam palestras, rodas de conversa, clubes de leitura com livros relacionados aos temas de gênero e diversidade, envolvimento dos pais na escola para conversarem sobre as obras escolhidas, encenação teatral, sarais, reforçando o diálogo e o papel social que a escola tem com a população e sociedade tanto dentro quanto fora da sala de aula. Dessa forma, o assunto se torna

um debate e transcende a utopia. Para essa efetivação, o envolvimento da família com a escola é essencial. Com isso as crianças tendem a ter o desenvolvimento da linguagem, a ampliação do vocabulário, a melhora da compreensão e da expressão oral e escrita; desenvolvimento da imaginação e da criatividade; desenvolvimento do pensamento crítico e aumento da concentração e da memória; desenvolvimento da empatia e da capacidade de se colocar no lugar do outro, abrindo-se para diferentes culturas e realidades. Segundo Soares, ao incentivar a leitura desde a primeira infância, estamos proporcionando às crianças uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento pessoal e social (Soares, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura na educação infantil, como vimos, transcende o simples ato de decodificar letras e palavras. Ela se configura como uma experiência transformadora, que molda a mente e o coração das crianças, preparando-as para os desafios e as oportunidades do mundo contemporâneo. Sendo assim, ao investir na leitura desde a primeira infância, estamos semeando as sementes para um futuro mais promissor. Crianças que desenvolvem o hábito da leitura tendem a ser mais curiosas, criativas e engajadas com o mundo ao seu redor. Elas adquirem habilidades essenciais para a vida, como a capacidade de aprender de forma autônoma, de resolver problemas e de se comunicar de forma eficaz. A leitura, portanto, é um investimento no capital humano, um presente que dura a vida toda.

Além de seus benefícios individuais, a leitura também desempenha um papel fundamental na transformação social. Ao proporcionar acesso a diferentes literaturas, culturas, perspectivas e histórias, a leitura contribui para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e tolerante. Por meio dos livros, as crianças aprendem a valorizar a diversidade, a respeitar as diferenças e a construir relações mais solidárias.

Partindo dessa perspectiva, se faz necessário que professores e professoras, como mediadores e mediadoras de conhecimento, tragam para a sala de aula autores cada vez mais contemporâneos que visem representar a estrutura de mundo e das relações interpessoais através de um olhar mais igualitário e diverso, os educadores e educadoras têm um papel fundamental ao escolher quando planeja suas aulas, livros que possam ressignificar uma visão preconceituosa do que já foi posto por muitos anos na sociedade; livros que tragam meninas e mulheres como protagonistas de suas próprias histórias e mostrem que meninos e homens podem ser vulneráveis e sensíveis, sempre buscando mostrar aos alunos o quanto de humano as pessoas podem ter e ser, independente do gênero. A promoção da leitura na educação infantil é uma responsabilidade de todos. Pais, educadores, bibliotecários, autores e editores devem trabalhar em conjunto para criar um ambiente que valorize a leitura e incentive as crianças a se tornarem leitores. É preciso investir em políticas públicas que garantam o acesso à leitura para todas as crianças, independentemente de sua origem social ou condição econômica.

Por fim, a leitura na educação infantil é um direito de todas as crianças e uma responsabilidade de toda a sociedade, bem como o combate ao machismo e à misoginia. É necessário que mais campanhas contra a violência de gênero sejam feitas. Se os indivíduos passarem a estabelecer contato com diferentes leituras desde a primeira infância, possivelmente na vida adulta a questão da igualdade de gênero já poderá estar mais naturalizada, tornando possível a existência de uma sociedade mais justa e igualitária a qual desejamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR, Laura. **Misoginia**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/misoginia/>. Acesso em: 8 dez. 2024.

AGUIAR, Beatriz. A. F. (2022). **O contributo da literatura para a infância para a desconstrução de estereótipos de género** (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação, Lisboa Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.21/15706>

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CAMPOS, Tiago Soares. “Machismo”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/machismo.htm>. Acesso em 09 de dezembro de 2024.

FERRARI, Pri. **Coisa de Menina**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Mediadores de leitura na família, na escola, na biblioteca, na bibliodiversidade. In: NEVES, Iara, C.B. et al (Orgs.). **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p. 41-63, 2012.

NUNES, Flordelice Souza. **O círculo de leitura literária como construção de sentidos: uma metodologia na perspectiva do leitor ideal para o leitor real**. 2019. 163 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

PASSADORI, Lara Pardo et al. Ler sem saber ler convencionalmente: proposição de leitura pelo aluno e a importância da leitura em voz alta. In: **Seminário de pesquisa em ciências humanas**, v. 11, p. 1516-1524, 2016. ROIG RECHOU, Blanca-Ana. Educación literaria: literatura infantil y juvenil; una propuesta multicultural. In: **Educación**, v. 35, n. 03, p. 362-370, 2012.

SEABRA, Estrela Rosa Varela. **A promoção de uma educação multicultural: o papel da literatura infantil**. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

SILVA, Daniel Neves. “Etarismo”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/etarismo.htm>. Acesso em 09 de dezembro de 2024.

SILVA, Daniel Neves. “Xenofobia”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/xenofobia.htm>. Acesso em 08 de dezembro de 2024.

SOARES, Jiane Martins. **Família e escola: parceiras no processo educacional da criança.** São José dos Campos: Planeta Educação, 2010.

TÉBAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador:** pedagogia da mediação. Editora Senac São Paulo, 2023.

TOZZO, Ana Paulada da Silva; FERREIRA, Léslie Piccolotto. **Leitura em voz alta:** julgamento de crianças quanto aos parâmetros de expressividade oral utilizados pelo professor. In: Research, Society and Development, v. 11, n. 4. e13911426775-e13911426775, 2022.